

O NEOCOLONIALISMO INTELECTUAL E A DOMINAÇÃO CAPITALISTA NA ERA DA ACUMULAÇÃO INTEGRAL

Cleito Pereira dos Santos¹

Após décadas de implementação de políticas neocolonialistas e de cooptação de estudantes e de setores da intelectualidade progressista, a Fundação Ford e seus asseclas conseguiram implantar o “capitalismo negro” no Brasil. Uma ironia, é claro!

O movimento recente de defesa e criação de políticas e ações voltadas para o empreendedorismo afrodescendente reflete o resultado de longos anos de batalhas para criar por aqui aquilo que já era realidade nos EUA. A formação de um “empresariado negro” como forma de solapar qualquer contestação social acerca da característica racista do capitalismo e de abafar e negar toda e qualquer referência aos conflitos de classes, aliás, foram treinados para negar a existência de classes sociais, coloca esses novos agentes periféricos do capitalismo como a prova de que é possível construir uma alternativa de exploração do trabalho nessa sociedade. Os novos empreendedores são vistos como criadores de oportunidades, verdadeiros empreendedores sociais que contribuem para a inclusão social.

A própria ideia de inclusão social, tão em moda nas ciências humanas, é repetida sem o mínimo de reflexão por parte dos intelectuais venais, oportunistas de todas as matizes políticas, ideológicas etc., como um mecanismo eficaz para reduzir desigualdades. Na verdade, não passa de uma falácia propagada pelas agências e fundações do neocolonialismo norte-americano interessados em retirar do foco os conflitos inerentes a essa sociedade da exploração.

Desde os EUA até o Brasil, o que mudou significativamente na vida da maioria da população pobre? Nada. Os partidos progressistas fazem alarde sobre o suposto sucesso dos seus programas de inclusão. Inclusão em quê? A vida dos pobres continua marcada pela exploração, inclusive perpetuada pelos defensores da inclusão social. Os partidos conservadores não perderam tempo e boa parte deles

¹ Sociólogo, Economista, Militante do Movimento Autogestionário

passaram a defender e aplicar as tais políticas de inclusão. Nesse ponto, progressistas e conservadores chegam no ponto de convergência de interesses em disfarçar, escamotear a existência da exploração, da desigualdade social, da injustiça, típicas do modo de produção capitalista.

O caso das políticas de ação afirmativas com certeza é o mais sintomático da forma de cooptação desenvolvida por uma Fundação criada por um nazista, racista, explorador do trabalho e que em determinado momento reorientou completamente as suas ações visando a perpetuação da dominação norte-americana. Nenhum progressista aprontou uma gritaria nesse caso como fizeram com empresas envolvidas com o nazismo como é o caso da Volkswagen, IBM, para citar apenas algumas. Henry Ford saiu ileso.

Outra das ligações do racismo democrático ao nacional-socialismo deveu-se a Henry Ford, cuja hostilidade fanática aos judeus o levava a formar uma organização de espionagem e propaganda anti-semita e anticomunista, controlada a partir da sua fábrica de automóveis de Detroit. Ford exerceu uma influência efectiva sobre a direita racista alemã mediante os textos antijudaicos que escrevia e os jornais que financiava, e em 1932, no ano seguinte à publicação nos Estados Unidos, a sua autobiografia *My Life and Work* foi editada na Alemanha. Se não é inteiramente seguro que ele tivesse chegado a subsidiar o NSDAP, é pelo menos indelével o elogio que Hitler fez ao ‘grande homem’ na primeira edição de *Mein Kampf*, e o Reich homenageá-lo-ia depois com a sua mais importante condecoração.²

Isso demonstra a eficácia das políticas neocolonialistas norte-americanas no pós-segunda guerra mundial quando se percebe a importância de cooptar intelectuais, jornalistas, políticos, posteriormente, estudantes, para reproduzir o discurso da igualdade de oportunidades – diga-se de passagem, um mantra liberal adotado pelos progressistas cooptados – da inclusão social, da diversidade cultural – a direita sempre defendeu a diferença como elemento de discriminação e no século XX a esquerda adotou o discurso em termos de multiculturalismo, diversidade, inclusão – na tentativa de fomentar uma contrarrevolução cultural pró-capitalista capitaneadas pelos progressistas. Daí a Fundação Ford e demais organismos do

² Bernardo, J. Labirintos do Fascismo: na encruzilhada da Ordem e da Revolta. Porto-Portugal, Edições Afrontamento, 2003. P. 664.

capitalismo central se esforçaram por estimular um setor progressista que abandonasse a ideia de luta de classes, de conflitos sociais, de transformação social, e atuassem como defensores de uma sociedade inclusiva, a despeito de tal impossibilidade no capitalismo.

O processo de formação dessa intelectualidade progressista integrada ao neocolonialismo norte-americano demorou décadas, uma vez que este processo teve início na década de 1970, mas somente a partir dos anos 1980 é que os primeiros estudantes e intelectuais passam a frequentar as universidades norte-americanas e a estabelecer contatos com diversas instituições doutrinadoras. Daí para a chegada de tais políticas no Brasil foi um pulo. De repente, chega à Fundação que antes desenvolvia políticas de controle de natalidade para evitar a proliferação de pobres na América Latina, para evitar que se criassem possíveis contestadores do poderio norte americano e do modo de produção capitalista, propondo outras políticas de inclusão social. No Brasil, o foco foi a população negra com o financiamento de diversas pesquisas científicas que repetiam o mantra da instituição. Nos anos 1980 e 1990 proliferaram resultados de pesquisas para demonstrar e divulgar a perspectiva norte-americana acerca da questão racial. O racionalismo dos EUA passa a ditar as regras e inúmeros estudantes, pesquisadores, intelectuais, jornalistas, políticos – em grande parte financiados – passam a reproduzir a lógica cultural do neocolonialismo cultural norte-americano sem refletir se tais conceitos, análises, caberiam num país como o Brasil.

As implicações das ações e políticas neocoloniais são muito evidentes: cooptação dos movimentos sociais, em especial do movimento negro e de mulheres, subordinação dos movimentos sociais ao aparato estatal através de financiamentos para políticas específicas, corrupção incrustada em ONG's, Institutos, projetos, intelectuais financiados para reproduzir a lógica cultural neocolonial na perspectiva de conformação social e de negação de conflitos de classes- aliás, para esses venais não existem classes sociais. Ou se existem não são o fundamento da exploração, aliás, nem existe exploração. Em síntese, as fundações e o governo dos EUA fizeram o que parecia improvável nos anos 1970: realizar a convergência de pensamento entre os liberais e os progressistas na perspectiva de conservação da dominação

capitalista, em especial dos EUA.³ Para isso não precisou mais de invasões militares, compra de governos. Bastou alguns milhares de dólares para abastecer a formação de uma intelectualidade servil e aliada e algumas migalhas para estudantes pobres frequentarem algumas instituições parceiras e o quadro se constituiu de modo a preservar a ordem social a partir do multiculturalismo, da ideia de inclusão social, da diversidade e diferença. Os racistas de Henry Ford viraram progressistas!!! Do nazismo ao progressismo. Que ironia!

(...): o pavilhão da defesa das diferenças, hoje empunhado à esquerda com ares de recém-chegada inocência pelos ‘novos’ movimentos sociais (o das mulheres, o dos negros, o dos índios, o dos homossexuais, os das minorias étnicas ou linguísticas ou regionais etc.), foi na origem – e permanece fundamentalmente – o grande signo/designio das direitas, velhas ou novas, extremas ou moderadas.⁴

O mercado logo compreendeu essa lógica e passou, paulatinamente, a aderir a ideia de inclusão de negros/as, mulheres, deficientes, indígenas, imigrantes. Basta vermos no presente o comportamento de certos meios de comunicação, como a Rede Globo, que visando o mercado consumidor virou a paladina da igualdade, da diversidade, da inclusão. Hoje parece até um crime criticar a Rede Globo. Os progressistas devem estar avaliando que este meio de comunicação virou revolucionário por “incluir” alguns indivíduos, das mais variadas origens, sexo, cor, na sua programação. Trata-se apenas de um movimento do mercado de consumo. A mercantilização das relações sociais associada a suposta inclusão social.

Na última década o movimento de mercantilização avançou para as universidades transparecendo a repetição dos ditames neoliberais vindos diretos dos centros de educação e do mercado norte-americanos. A mediocridade intelectual de

3 Pierre Bourdieu e outros intelectuais não marxista já haviam denunciado essa nova lógica do imperialismo norte-americano através do uso de fundações para divulgar e impor uma nova lógica, uma nova linguagem que fosse mais adequada aos propósitos da dominação cultural. O texto “*As artimanhas da Razão Imperialista*” (Bourdieu e Wacquant 1998) foi amplamente criticado por intelectuais ligados, principalmente, a Fundação Ford. No Brasil o incômodo foi significativo, chegando ao ponto de editarem um número especial – 24, jan. abril 2002 - da Revista Estudos Afro-Asiáticos para combater a visão dos autores citados.

4 Pierucci, A. F. *Ciladas da Diferença*. São Paulo, Editora 34, 1999. p. 19.

nossa época leva a reprodução de certos discursos como o empreendedorismo que virou uma praga nas universidades. Logo teremos mais empreendedores que consumidores! Professores e intelectuais empreendedores! Discentes empreendedores! Mulheres empreendedoras! Negros/as empreendedores! É tanta insanidade que revela o papel das universidades nesse contexto: produzir os desempregados de amanhã guiados pela ideologia de sucesso. Nesse teatro, não se discute os reais problemas colocados hoje para a juventude, para a universidade, para a sociedade no geral. Com o desenvolvimento de novas tecnologias, da Inteligência Artificial, da racionalidade técnica característica do modo de produção capitalista, a tendência é o agravamento das injustiças, das desigualdades sociais. Até onde veremos esse discurso inócuo mobilizando os indivíduos? A situação da população negra – e de todos os grupos sociais que sofrem as consequências das nefastas políticas neoliberais - tende a se agravar devido aos baixos salários, desemprego massivo, violência e isso não será resolvido em um modo de produção em que tais elementos são inerentes. As causas estão na própria ordem social excludente. É inerente ao capitalismo os conflitos sociais, as injustiças, as desigualdades sociais. O silêncio dos cooptados pelas políticas neocoloniais dos EUA não resolverá as contradições sociais.

As ideologias subjetivistas, embora dominantes, propagando a irracionalidade e o individualismo exacerbados não conseguem atenuar os conflitos sociais. Os intelectuais adeptos dessas ideologias tentam desfocar os reais problemas desse mundo ao negar os fundamentos da sociedade capitalista e afirmar os princípios conservadores gestados em instituições acadêmicas, fundações e institutos do capitalismo avançado, reproduzindo uma lógica intelectual que dizem combater a partir da ideologia decolonial, subjetivista, dentre outras. Na verdade, só reproduzem a lógica cultural do capitalismo na era da acumulação integral no qual está inscrito as ações e políticas neocoloniais dos EUA. Sendo assim, esses intelectuais são uns conservantistas ávidos pelas migalhas do capital, expressas principalmente nos projetos financiados para reproduzir o pensamento imperial dos EUA.

É preciso superar essa dinâmica e imposição cultural do capitalismo na era da acumulação integral. Superar significa eliminar pela raiz as causas do racismo, do

sexismo, do preconceito, da violência, das desigualdades sociais e isso só é possível à medida que se combate o gerador de tais problemas, ou seja, superar o capitalismo é a única saída para termos uma sociedade justa, autogerida, sem dirigentes e dirigidos, sem dominadores e dominados. Logicamente que os cooptados não pensam assim. Mas eles são passageiros. Logo cairão no esquecimento.

Dito de modo geral, existe uma convergência entre a direita racista, defensora das diferenças “inatas” e das desigualdades sociais tendo em vista que no capitalismo o sucesso depende da competência de cada indivíduo e a esquerda “democrática” mantida nos pós-segunda guerra mundial como instrumento de manipulação de grupos sociais, classes sociais, da população pobre e que não tem acesso ao trabalho, ao consumo, a direitos sociais e a justiça social. Nesse sentido, essa esquerda passa a defender o projeto dos capitalistas a partir da adoção da agenda “inclusiva” das fundações norte-americanas e europeias, em especial da Fundação Ford, com seu discurso multiculturalista e identitarista. Na verdade, os intelectuais venais se rendem aos financiamentos e migalhas do neocolonialismo cultural, espalhando a fétida contrarrevolução cultural visando amortecer os conflitos sociais e manipular, principalmente, estudantes pobres para a adesão e, posterior, reprodução do mantra da Fundação criada pelo nazista Henry Ford. Esta é a miséria do progressismo na atual fase do capitalismo contemporâneo. Uma das consequências do multiculturalismo, do indentitarismo, é a criação de fanáticos e de milícias digitais sempre dispostas a agir de modo autoritário para silenciar quem pensa diferente das suas seitas. É preciso um longo combate para derrotar tanto o conservadorismo quanto o progressismo, pai e filho da barbárie capitalista atual.